

'Genéricos' acirram disputa no mercado de celulares

Gustavo Brigatto e Talita Moreira

Receptor do sinal da TV aberta, tela sensível ao toque, tocador de músicas e possibilidade de usar, ao mesmo tempo, chips de duas operadoras diferentes. Com esses recursos e preço abaixo de R\$ 500, celulares "genéricos" estão inundando as lojas populares de produtos eletrônicos e também os sites de leilão na internet.

De fabricação chinesa e taiwanesa, geralmente, eles reproduzem os recursos e a aparência dos celulares mais sofisticados dos grandes fabricantes mundiais, como Nokia, Sony Ericsson, Apple e LG só que chegam a custar seis vezes menos. São "réplicas", como explicam os vendedores das lojas que oferecem esses telefones.

Vaic, Foston e Cect são algumas das marcas estampadas nos celulares que caíram nas graças dos consumidores que em sua maioria não têm condições de gastar muito na compra de um aparelho, mas não quer abrir mão das últimas promessas da tecnologia.

As "réplicas" ganharam uma roupagem de marketing que dá calafrios nos fabricantes convencionais. Os aparelhos são vendidos como MP7, MP8, MP9, MP10 e MP11, dependendo das funções que oferecem. A ideia é convencer o consumidor de que esses equipamentos são mais avançados que os tocadores de áudio no formato MP3 e de áudio e vídeo (MP4).

Proposital ou não, há uma confusão entre um conceito tecnológico MP3 e MP4 são formatos de compressão de arquivos e uma ideia de evolução tecnológica.

Além de dar a falsa impressão de vantagem tecnológica, o uso dos nomes MPx também serve para camuflar a falta de certificação dos aparelhos por parte da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Ao serem vendidos como tocadores, e não telefones móveis, acaba-se por driblar a fiscalização.

Na semana passada, o Valor percorreu centros populares de comércio de eletrônicos na Avenida Paulista e na região da rua Santa Ifigênia, em São Paulo. Na Paulista, sob o olhar atento do segurança que vigia um desses locais, ouviu de um vendedor a explicação de que um MP7 é um aparelho que comporta, simultaneamente, o chip de duas operadoras de telefonia móvel. E o que é um MP10? "É igual ao iPhone", esclarece outra vendedora. Na maioria das lojas, os aparelhos são vendidos à vista ou em até três vezes no cartão de crédito, com acréscimo da taxa de administração cobrada pela bandeira. A garantia não passa dos três meses.

Além de imitar modelos badalados, como o celular da Apple, alguns genéricos também se "inspiram" nas marcas famosas. O iPhone pode ser encontrado como "HiPhone" em páginas de leilão na internet. Outros simplesmente se apropriam de marcas conhecidas de produtos eletrônicos. É o caso dos aparelhos vendidos como "Vaio" marca da linha de notebooks da Sony. A companhia japonesa não produz telefones com esse nome. Tampouco existem aparelhos Sony no mercado. A empresa atua no segmento de telefones celulares em parceria com a Ericsson, de onde saem os terminais Sony Ericsson.

"O aparelho é BB: bom e barato", argumenta uma vendedora de Santa Ifigênia sobre um MP7.

É difícil saber se e quantos aparelhos genéricos chegam ao Brasil de forma legal. Não pagar os impostos dos produtos ajuda, e muito, a vendê-los com preços menores. Procurada pelo Valor a assessoria de imprensa da Polícia Federal informou que desconhece apreensões do tipo ou a existência de investigações sobre o tema.

Porém, esses equipamentos infringem ao menos uma regra brasileira. Todos os telefones móveis comercializados no país precisam ser homologados pela Anatel antes de chegar ao mercado. O órgão regulador tem uma lista de critérios que devem ser atendidos para saber se um aparelho oferece segurança aos usuários - se emitem um nível adequado de radiação, se há risco de superaquecimento etc.

Sem a homologação, os terminais não podem ser comercializados no país. Como não são distribuídos por meio dos canais convencionais (lojas das operadoras de celular e redes varejistas), os genéricos chineses muitas vezes não passam por esse processo. Procurada pela reportagem, a Anatel informou que já fez uma apreensão desse tipo de aparelho em São Paulo, no ano passado.

Como a fiscalização não é intensa, os consumidores não têm dificuldades para encontrar os MPx. "Comprei um aparelho num shopping na Liberdade e outro na Avenida Paulista", conta o engenheiro Eduardo, que pediu para que seu sobrenome não fosse mencionado na reportagem. "Celular é um dos itens mais descartáveis da vida moderna e as pessoas pagam caro por eles. Não gosto de pagar caro por algo descartável", justifica.

Sem subsídio, um iPhone com 8 gigabytes de memória (versão mais simples) custa R\$ 1.899 no Brasil. O N85, modelo mais sofisticado da Nokia no país, tem preço sugerido de R\$ 1.699. Os genéricos oferecem alguns recursos a mais e preços muito menores, o que explica sua popularidade.

Um fator que pode ajudar a entender o surgimento do mercado de aparelhos genéricos é a redução do volume de subsídios concedidos pelas operadoras de telefonia móvel à venda dos celulares oficiais. Em busca de rentabilidade, as teles cortaram boa parte dos descontos que concediam aos celulares pré-pagos, que somam mais de 80% da dos usuários de telefones móveis no Brasil. Nos últimos anos, as empresas passaram a subsidiar apenas os pós-pagos.

Com isso, a maioria dos brasileiros deixou de ter acesso a aparelhos baratos e com recursos mais avançados, fazendo com que a telefonia móvel percorra um caminho inverso ao do mercado de computadores, onde medidas de incentivo fiscal reduziram o chamado mercado cinza.

Segundo fonte consultada pelo Valor, os telefones genéricos vêm em sua maioria do Paraguai, onde podem ser encontrados por preços a partir de US\$ 85. O custo do frete e a margem de venda somam mais 40% a 45% ao preço, chegando à cifra praticada no Brasil.

De acordo com Allen Noguee, analista da consultoria In-Stat, os aparelhos são produzidos para atender a demanda do mercado chinês e fazem bastante sucesso por lá. "Não sei como eles podem ser tão baratos. Acredito que os componentes usados para a fabricação sejam bons, mas aí entram também a questão trabalhista da China, e, provavelmente, o não pagamento de licenças dos softwares usados", diz. Baixos custos de produção e de pesquisa e desenvolvimento, nenhum investimento em propaganda e marketing e produção em larga escala também ajudariam a explicar os preços baixos.

Na semana passada, um consumidor que preferiu não ser identificado foi à Avenida Paulista para trocar o "iPhone" que ganhou de presente. "Quero outro modelo. Este não tem manual na internet e não baixa os programas do iPhone", afirmou. O vendedor tentou demovê-lo da ideia, mas o consumidor insistiu e acabou voltando para casa com outro aparelho. "Não tinha gostado da tela sensível ao toque. E só uso o celular para fazer e receber ligações", disse.

Réplica chinesa

À primeira vista, é difícil diferenciar o original da cópia

iPhone - Apple



HiPhone



■ Acesso a redes de terceira geração (3G)	■ Acesso a redes de terceira geração (3G)
■ Tela sensível ao toque	■ Tela sensível ao toque
■ Navegador de internet	■ TV aberta
■ Tocador de músicas e vídeos	■ Tocador de músicas e vídeo
■ Microsoft Exchange (e-mails)	■ Rádio
■ Memória interna de 8 gigabytes e de 16 gigabytes	■ Memória expansível até 8 gigabytes
■ Câmera fotográfica de 2 megapixels	■ Câmera fotográfica VGA*
■ Bluetooth	■ Bluetooth
■ GPS	■ Dois chips
■ Vendido no Brasil somente por meio das operadoras	■ Desbloqueado para todas as operadoras
■ A partir de R\$ 1.899	■ Abaixo de R\$ 500

Fontes: Apple, sites de lojas e lojas de comércio de eletrônicos em São Paulo *Embora embalagens informem resoluções maiores

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 17 mar. 2009, Empresas & Tecnologia, p. B3.